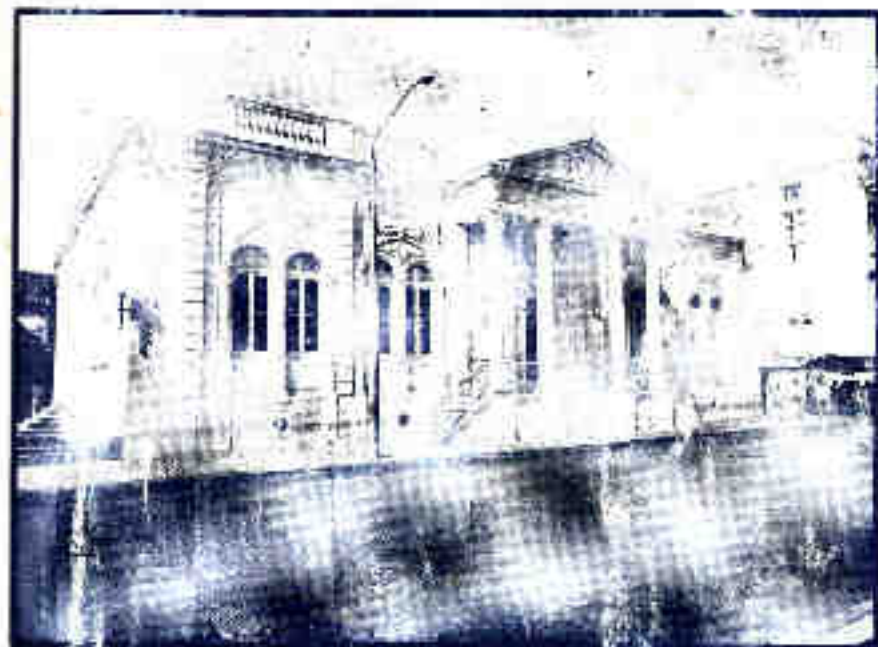


HISTÓRIA EM REVISTA



PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO
DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

Número 2 - 1996



Editora e Gráfica Universitária - UFPel

HISTÓRIA EM REVISTA

Núcleo de Documentação Histórica

UFPel
Editora Universitária

Pelotas - Número 2 - 1996

Class:	<i>Revista</i>
Registro:	<i>585</i>
Data:	<i>24/03/97</i>
Doação:	<i>Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel</i>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

COPYRIGHT © Núcleo de Documentação Histórica da UFPel

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PELOTAS**

Reitor:

Prof. Antonio Cesar Gonçalves
Borges

Vice-Reitor:

Prof. Daniel Souza Soares
Rassier

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação:**

Prof. Alci Frimar Loock

**Pró-Reitor de Extensão e
Cultura:**

Prof. Francisco Elifalet
Xavier

Pró-Reitora Administrativa:

Prof. Ingeleire Scheunemann
de Souza

Pró-Reitor de Graduação:

Prof. Paulo Roberto Soares de
Pinho

**Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento:**

Bel. Antonio Leonel da Silva
Cunha

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor:

Jorn.Fernando de Oliveira Vieira

Gerente Operacional:

Bel. Manuel Antonio da Silva
Tavares

Planejamento Editorial:

José Hermínio Barbachã

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS**

Diretor:

Prof. Sidney Gonçalves Vieira -

Vice-Diretor:

Prof. Sebastião Peres

**Núcleo de Documentação
Histórica da UFPel**

Coordenação Administrativa:

Profª Cláudia Mauch

**Coordenadores de Linhas de
Pesquisas:**

**Quotidiano de Pelotas (e
Região Sul):**

Profª Fábio Vergara Cerqueira

Movimentos Populares:

Profª Beatriz Ana Loner

Antropologia:

Profª Flávia Maria Silva Rietz

Imigração e Gênero:

Profª Lorena Almeida Gill

Conselho Editorial:

Profª Lorena Almeida Gill

Profª Maria Letícia Mazzucchi
Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

**Digitação, Composição e
Diagramação:**

Mara Lúcia Vasconcelos da
Costa

Ficha Catalográfica: Vera Ruth Machado Campelo

História em Revista. Pelotas; Instituto de Ciências Humanas: Núcleo
de Documentação Histórica/UFPel, n° 2, 1996; Semestral.

1. Ciências Humanas - Periódico. 2. História - Periódico.

CDD 905

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
II FORUM DE TEORIAS DA HISTÓRIA	
1. A SEXUALIDADE NO BRASIL COLONIAL	09
Luiz Mott	
2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTATUTO DO TEXTO HISTÓRICO	29
Terrestreles Cezar	
3. O DIÁLOGO TENSO ENTRE PAUL VEYNE E MAX WEBER	47
Adhemar Lourenço da Silva Jr.	
PESQUISAS DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel	
1. O ASSENTAMENTO DA PALMA: a individualização do coletivo	65
Beatriz Ana Loner, Lorena Almeida Gill, Paulo Mattos, César Reis Gomes, Rodrigo Dias	
2. OS JUDEUS EM PELOTAS	85
Lorena Almeida Gill, Jairo Luis Fleck Falção	
HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA	
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES	97
Álvaro Moreira Hypólito	
2. O PODER ATRIBUÍDO À MÚSICA NO IMAGINÁRIO GREGO: SUAS MANIFESTAÇÕES E SUAS FUNDA- MENTAÇÕES CULTURAIS	107
Fábio Vergara Cerqueira	

3. FOTOGRAFIA E DOCUMENTO: DUPLICIDADE INALIENÁVEL.....	137
Francisca Michelin	
4. A INDÚSTRIA DE ENERGIA ELÉTRICA EM PELotas.....	149
Gunter Axt	
5. NO LIMITE DA VIDA? NOTAS SOBRE VELHICE E MORTE.....	175
Maria Leticia Mazziuchi Ferreira	
6. O ENSINO DA HISTÓRIA: CONCEPÇÕES E METODOLOGIA.....	189
Paulo André Passos de Mattos	
7. O ESTUDO ARQUEOLÓGICO DO QUILOMBO DE PALMARES.....	201
Pedro Paulo A. Funari	
ENTREVISTA COM OTÁVIO BRANDÃO	209
RESENHAS	
1. Resenha do Livro de GENRO, Tarso. "Utopia possível".....	254
Delamar José Volpato Dutra	
2. Resenha do Livro de Priore, Mary Del. "Festas e Utopias no Brasil Colonial".....	261
Edgar Rodrigues Barbosa Neto	

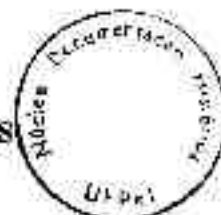
APRESENTAÇÃO



O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL foi criado em março de 1990 tendo como propostas iniciais resgatar e conservar documentos relativos à própria instituição, bem como desenvolver acervo que tivesse como temática organizadora, o movimento operário na cidade de Pelotas. Passados seis anos de sua fundação, o Núcleo ampliou sua abrangência para outras linhas de investigação, contando atualmente com cinco pesquisadores vinculados ao Departamento de História e Antropologia, dois técnico-administrativos e alunos bolsistas, cujas pesquisas tematizam sobre o cotidiano, movimentos sociais, imigração e gênero.

A trajetória que vem trilhando o Núcleo de Documentação nessa sua recente existência mostra sua disposição em abrir-se aos mais variados objetos de investigação, às mais diferentes formas de abordagem do real, concebendo em seu interior profissionais de áreas diversas como historiadores e antropólogos num diálogo extremamente profícuo e contemporâneo que adquire visibilidade na revista que ora trazemos ao público.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DAS MENTALIDADES



Alvaro Moreira Hypolito¹

A idéia inicial deste pequeno trabalho seria a de ver um pouco a História das mentalidades na perspectiva da formação do psiquismo do indivíduo. No entanto, este tema pareceu-nos redundante, pois falar em mentalidades é falar em aspectos da formação psicológica do indivíduo. Certamente, poder-se-ia estudar o referido tema no campo específico da psicologia, mas para isso seria necessário um estudo maior. O que quero dizer é que nos limites deste trabalho a temática ficaria sempre redundante.

Assim, voltei-me mais para discutir uma questão teórica sobre a história das mentalidades que considero fundamental e que, certamente, tem a ver com a compreensão do indivíduo na sociedade, com a psicologia, com a história, com a educação, etc.

A questão que pretendo desenvolver possui vários aspectos: O que é mentalidade? Qual a relação entre mentalidade e ideologia? O que pretende a história das mentalidades? Para responder essas questões vou sustentar-me em Michel Vovelle e especificamente em seu livro,

¹ Professor do Deptº de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

Ideologias e Mentalidades.

A noção de mentalidade data de uns vinte ou trinta anos. A busca dessa categoria para a explicação histórica foi, inegavelmente, um esforço de historiadores no sentido de superar uma análise marxista que se poderia indicar como linear, mecanicista, reductionista, que na tentativa de ter todas as respostas, de explicar todos os porquês, reduzia a realidade a determinações económicas. É o que se poderia chamar de marxismo vulgar.

Essa perspectiva do marxismo desenvolvida a partir da II Internacional - combatida por Lenin e Rosa de Luxemburgo - e retomada pelo estalinismo como o marxismo oficial de forma alguma pode ser confundida com o pensamento marxiano.

Engels, em 1890, numa carta a Ernest Bloch, como que antevendo essa discussão, dizia:

"Segundo a concepção materialista da História, o fator determinante é, em última instância, a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu jamais afirmamos mais do que isso. Se, mais tarde, alguém torce essa proposição, fazendo-a dizer que o fator económico é o único determinante, transforma-a em uma frase abstrata e absurda..." (citado por Vovelle, p.12).

Mesmo mostrando a distorção do pensamento marxiano ocorrida, não se pode negar que houve, e de certa forma ainda há, uma visão marxista predominante (ou não) que muitos estragos provocou ao pensamento humano.

Dentro do próprio pensamento marxista vários historiadores, além de fazerem essa crítica, buscaram construir a historiografia numa

perspectiva dialética. Poderia citar como exemplo Thompson e o próprio Vovelle.

Como entra nesse contexto a história das mentalidades? Seria o historiador marxista encarregado de dizer o "porquê" e o historiador das mentalidades de dizer o "como"?

Como já disse, identifica-se a história das mentalidades como algo que começou a ser sistematizado nos anos sessenta, apesar de ser possível identificar algumas obras mais antigas como representativas desta escola de história. Da mesma forma, alguns relacionam a história das mentalidades como uma continuidade da escola construída a partir da Revista dos Annales - pós 1969.²

Este recente terreno da história coloca uma primeira dificuldade que é a de definir o termo mentalidade. O conceito está efetivamente longe de ser aceito universalmente. Segundo Vovelle a melhor definição já proposta seria a de Robert Mandrou, que define história das mentalidades como "...uma história das 'visões de mundo' ". Mas em seguida, o autor acrescenta: "...definição ao mesmo tempo bela, satisfatória em minha opinião, mas incontestavelmente vaga." (Vovelle, 1987:15)

Ao mostrar uma evolução da noção de mentalidades o autor identifica dois momentos, isto é,

"...que se passou de uma história das mentalidades que em seus primórdios situava-se essencialmente ao nível da cultura ou do pensamento claro ... para uma história das atitudes, dos comportamentos e das representações coletivas inconscientes. E precisamente isso que se inscreve magicamente nos novos centros de interesse em voga: a

² Ver a este respeito Caruso, 1988.

criança, a mãe, a família, o amor e a sexualidade ... a morte." (Vovelle, 1987:15-16)

Outro conceito importante nesta discussão é o da ideologia. Apesar de ser um conceito mais sistematizado e incorporado nos debates científicos, está longe de ser considerado como um conceito acabado, fechado. Vovelle adota a idéia geral de ideologia como sendo *"o conjunto de representações, mas também de práticas e comportamentos conscientes ou inconscientes."* (Vovelle, 1987:11)

Poucos estudiosos marxistas se permitiram estudar esse campo especificamente, tanto na história como em outras áreas do conhecimento. A maioria dos autores ficou *"confinada ao subsolo"*, restringindo suas explicações aos campos da infra-estrutura.

Vovelle é um autor marxista que busca fazer uma análise que identifique aspectos da história de maneira que possa captar o real na sua totalidade concreta, ou seja, buscar uma aproximação cada vez maior do real. Para isso, ele incursiona seus estudos por áreas tidas como dogmática para muitos marxistas e traz, ao mesmo tempo, para a história das mentalidades toda uma bagagem da história social.

O referido autor, neste caminho, vai buscar confrontar e identificar as áreas de superposição entre mentalidade e ideologia. Essa análise precisa ser feita de maneira correta, pois

"para alguns (...) as mentalidades se inserem naturalmente no campo do Ideológico, enquanto para outros a Ideologia, no sentido estrito do termo, não poderia ser senão um aspecto ou um nível no campo das mentalidades, isto é, o da tomada de consciência ou de formalização do pensamento claro." (Vovelle, 1987:17)

Este tipo de afirmação, como tenta mostrar Vovelle, não responde à questão colocada.

No meu modo de ver a questão, esta deve ser colocada de outra forma: É a história das mentalidades antimarxista? É incompatível história das mentalidades e uma abordagem dialética?

O que ocorre é que, com a preocupação de diferenciá-lo de uma história marxista tida como dogmática, envelhecida, linear, mecânica, que reduz tudo a uma explicação sócio-econômica, uma nova geração de historiadores que não passaram pela história social preferiram fazer *"o método curto de fazer oração"*, como diz Vovelle, *"esses novos historiadores das mentalidades, preparados para todas as tentações da psico-história, acentuarão provavelmente - e sem felicidade - uma parte dos traços que logo se destacam, para sublinhar a autonomia do mental."* (Vovelle, 1987:19)

Para Vovelle o conceito de mentalidades é mais amplo que o de ideologia: *"integra o que não está formulado, o que permanece como 'não significante', o que se conserva muito encoberto ao nível das motivações inconscientes. Daí a vantagem, talvez, dessa referência mais maleável para uma História total".* As mentalidades apresentam outra característica que poderia ser definida como *"um tempo mais longo"* no dizer de R. Mandrou, *"As mentalidades remetem, portanto, de modo privilegiado, à lembrança, à memória, às formas de resistências."* (Vovelle, 1987:19)

Essas considerações podem conduzir, segundo o autor, a algumas hipóteses de trabalho. Uma - visando talvez uma conciliação entre ideologia e mentalidades - que veria a expressão de um nível inferior de ideologia, veria em tudo traços de mentalidade. Dito de

outra maneira, ideologia "em migalhas", restos de ideologias mortas que poderiam ser captadas na história como mentalidades. Outra - mais problemática - que busca descobrir nessas ideologias mortas, "nasas lembranças que resistem, o tesouro de uma identidade preservada, estruturas intransíveis e enraizadas, a expressão mais autêntica dos temperamentos coletivos: em resumo, o que há de mais precioso." Ou seja, "Abrindo o armário da avó, ali se descobre o essencial." (Vovelle, 1987:20)

Essa visão conduz a identificar-se a incomparabilidade maior entre ideologia e mentalidade: "a afirmação de autonomia do mental e de sua irreduzibilidade ao econômico e ao social". Como afirma Vovelle, apesar dessa noção trazer noções novas como as de "inconsciente coletivo" ou "imaginário coletivo", ela é bastante antiga.

Muitos estudos na perspectiva das mentalidades tendem a cair numa análise microscópica que admite a autonomia do mental. Chega-se ao extremo de pesquisas históricas que vão investigar os ritos existentes no século XVIII.

Mario Maucorda ao confrontar esses tipos de estudos com a perspectiva marxista considera que o conjunto desse trabalho é

"uma contribuição determinante para o enriquecimento da tradição marxista, um feliz florescimento do pensamento contemporâneo. E não é de pouco mérito a sensibilidade pelos temas superestruturais da política, da cultura, da literatura, das artes, da educação, em uma palavra, da consciência, todavia, por convergirem todas na denúncia do exclusivo economicismo e da insensibilidade de Marx aos problemas da pessoa, confirmam no senso comum, não só uma imagem de Marx que a mim me parece muito reducionista, mas também uma consideração esquemática

daquilo que pode ser a economia política humanamente concebida. Isolando-a de todos os outros interesses humanos, acabam reduzindo-a, justamente, àquela imagem materialista e mecanicista que acreditam poder atribuir a Marx, e que queriam, talvez, exorcizar." (Maucorda, 1987)

Penso que a questão central não está nas temáticas introduzidas pela escola das mentalidades, mas sim na atitude que assumem esses historiadores frente ao objeto de estudo, frente à realidade. Para tentar mostrar essa postura vou me valer de uma citação de Ciro Hamarion Cardoso que, apesar de um pouco longa, parece ser esclarecedora:

"É provável que a mudança nevrálgica esteja constituída pelo abandono das totalidades sociais significativas, dos processos sociais integrados. Isto é levado a cabo em função de distorções ou inversões radicais de perspectiva: 1) valorização do periférico em relação ao central; preferem-se, como objetos de estudo, os loucos, os marginais, os homossexuais, as bruxas, as prostitutas (ao sabor, na verdade, de modismos descartáveis); 2) valorização, não da realidade social, das condições reais de existência, e sim do seu avesso - sonhos, imaginário, ideologias -, numa 'leitura' que analisa o discurso verbal ou não-verbal (iconografias, por exemplo) partindo do princípio de um divórcio da evolução ideológica em relação à econômico-social; tematicamente pululam as danças macabras, as 'pulsões reprimidas do desejo', os sabbats, os fantasmas e obsessões, e é frequente o anacronismo na forma da projeção de percepções atuais feitas em função da sociedade de hoje (feminismo, 'problema gay') a épocas em que elas carecem de qualquer sentido ou realidade; 3) o tecnicismo que valoriza o computador e outras técnicas de vanguarda oculta uma grande pobreza metodológica: as fontes são escolhidas em forma arbitrária, tratadas sem rigor, usadas de maneira pouco crítica e racional." (Cardoso, 1988:100)

O central em toda essa discussão não parece ser a temática mas sim a atitude do conhecer, como o pesquisador produz o conhecimento, ou seja, como chegar na "coisa em si".

Neste sentido a polêmica estabelecida por Eric Hobsbawm com Lawrence Stone ajuda a esclarecer ainda mais este ponto. Vejamos:

"Nada há de novo em escolher ver o mundo através de um microscópio e não com um telescópio. Na medida em que acentuamos que estamos estudando o mesmo cosmos, a escolha entre microcosmos e macrocosmos depende de selecionar a técnica apropriada. É significativo que, na atualidade, historiadores mais numerosos usem útil o microscópio; mas isto não significa necessariamente que rejeitem os telescópios como coisa fora de moda. Até os historiadores da mentalité, este termo vago e que abarca tanto, que Stone, talvez sabidamente, não tenta esclarecer, não evitam a visão ampla de maneira exclusiva ou predominante. Pelo menos esta lição aprenderam com os antropólogos." (Hobsbawm, 1986:12 - citado por Cardoso, 1988:108)

Tentando chegar a algumas conclusões seria interessante destacar que esta é uma questão aberta. Para Ciro F. Cardoso a tendência expressa pelo nova história, e dentro desta a história das mentalidades, não é somente um modismo, mas um movimento reacionário que vem ocupando espaços a partir, principalmente, da academia francesa. É, para ele, algo conservador com uma nova roupagem, uma tentativa de recuperar uma visão de mundo que nada mais é do que um idealismo.

Vovelle, por outro lado, mesmo criticando a perspectiva das mentalidades que conhece o mental como autônomo, não se contenta com uma recuperação do econômico e das estruturas sociais. Pensa que

é necessário enfrentar as temáticas levantadas por esta escola numa perspectiva que ultrapasse o mero idealismo.

Penso que a análise economicista, além de não dar conta da realidade, permitiu que outras abordagens levantassem temas que já deveriam ter sido enfrentados pelo marxismo. Enfrentados de forma crítica e auto-crítica e não dogmática.

Por outro lado, abandonar os avanços possibilitados pela Economia Política na compreensão da realidade, como fazem muitos historiadores das mentalidades, é cair nas malhas do idealismo e, como se sabe, uma forma de captar pequenos fragmentos da realidade que "somados" jamais constituirão o todo, pois este não é só a soma das partes. A totalidade não se resume a uma soma das partes.

Para corroborar esta idéia vou me aproveitar de uma colocação de J. Fontana:

"A insuficiência das análises economicistas... deu lugar a que fosse a historiografia acadêmica que formulasse os problemas que oferecem as outras dimensões do homem, ocupando-se de temas como o sexo, a família, a prisão, a lei e o delito, o medo, o imaginário, a mulher, a loucura... Isto deve servir-nos para recordar graves esquecimentos, mas se tornaria errôneo e mistificador quando se tenta apresentar estas outras histórias setoriais como vias que permitam analisar o homem autonomamente. É preciso reconstruir a imagem global da sociedade, como propôs um dia o materialismo histórico, mas não para fabricar um caleidoscópio de aspectos diversos; e sim, para centrar toda esta diversidade em torno do que é fundamental: os mecanismos que asseguram a exploração de uns homens por outros, e que não agem somente através das regulamentações do trabalho ou do salário, nem se fundamentam unicamente em elementos físicos de coerção, mas impregnam toda a nossa vida, as nossas formas de

compreender a sociedade, a família, o homem e a cultura." (Fontana, 1982 - citado por Cardoso, 1988:106).

Penso ter conseguido trazer à tona algumas questões que estão no cerne das discussões sobre o estudo das mentalidades. No fundo essas questões têm muito a ver com uma teoria do conhecimento, ou seja, com que lentes eu vou me colocar frente à realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio Racionalista*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1988.
- FONTANA, Josep. História. Análisis del pasado y proyecto social. Barcelona. *Crítica*, 1982, pp.200-213.
- HOBSEAWN, Eric. El renacimiento de la historia narrativa. Algunos comentarios. *Historias*, (México), n. 14, 1986, p.12.
- MANACORDA, Mário. *Humanismo de Marx e Industrialismo de Gramsci*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- VOVELLÉ, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.